

Imagens e vozes que perpetuam o fracasso escolar das crianças das classes populares

Images and voices that perpetuate school failure in children from lower social classes

Sandra Maria Nascimento de Mattos*

Resumo: Uma imagem, seja charge ou qualquer outra, pode ser utilizada para denunciar o processo de exclusão e de seletividade que ocorre nas escolas brasileiras. Neste artigo apontamos para a necessidade de um aprofundamento sobre a mensagem veiculada por meio da charge, enquanto imagem de formação de opinião e conceitos, no contexto de classes populares. Pretendemos mostrar que a interpretação de uma imagem aviva em nós crenças, valores e convenções que advêm do imaginário pessoal e social, em que a possibilidade intertextual e polifônica da imagem perpetua o fracasso escolar nas crianças de classes populares.

Palavras-chave: Charge. Fracasso escolar. Imaginário.

Abstract: An image, a charge or any other image, can be used to denounce the process of exclusion and selection that occurs in Brazilian schools. This article emphasizes the need to intensify the discussion about the messages conveyed in charges as images form opinions and concepts, in particular in lower social classes. The article intends to show that the interpretation of an image enlivens our beliefs, values and conventions that come from the personal and social imaginary, where the intertextual possibility and image polyphony perpetuates school failure in children from lower social classes.

Keywords: Charge. School failure. Imaginary.

Introdução

Vivemos em um mundo cercados por imagens e interpretá-las não é uma tarefa muito fácil. Toda imagem tem uma história e um tempo. Toda imagem pode ser lida e transformada em palavras. Toda imagem contém uma forma textual a ser decifrada. Olhamos uma imagem e prontamente a interpretamos. De acordo com Joly:

Uma iniciação mínima à análise da imagem deveria precisamente ajudar-nos a

escapar dessa impressão de passividade e até de “intoxicação” e permitir-nos, ao contrário, perceber tudo o que essa leitura “natural” da imagem ativa em nós em termos de convenções, de história e de cultura mais ou menos interiorizados. (JOLY, 1996, p.10).

Não podemos, pois, deixar de perceber o que cada imagem ativa em nós, não há como deixar de analisá-la, de transformá-la em

* Mestre em Educação. Participante do grupo LaPEADE/UFRJ. Psicopedagoga. Pedagoga.

* Master in Education. Member of the LaPEADE group/UFRJ. Psychopedagogue. Pedagogue.

uma interpretação textual. E esse processo de leitura e análise de imagens – que aviva a história e a cultura, crenças e valores – advém, certamente, do nosso imaginário pessoal¹ e do imaginário social².

De acordo com Wunenburger (apud SANCHEZ TEIXEIRA, 2004, p.40), o imaginário comporta tanto uma dimensão representativa e verbalizada como uma dimensão emocional que toca o sujeito. Portanto, o imaginário está impregnado de forma representativa na linguagem, na cultura, e de forma afetiva na inteligência emocional, no psicológico, no cognitivo do ser humano. Segundo esse mesmo autor, existem duas concepções de imaginário. Uma restrita, que designa os conteúdos produzidos pelo imaginário tecendo imagens passivas e neutras. A outra, ampliada, referindo-se aos grupos de imagens que admitem o princípio de auto-organização, de *autopoiesis*, o que permite abrir o imaginário às inovações, transformações e recriações.

A imagem tem uma linguagem de aparente reconhecimento do conteúdo e de sua interpretação. Porém, interpretar uma imagem evoca reconhecer significações relacionadas a um amplo cenário de espaço e tempo, extrapolando o aqui e o agora; implica separar o que é pessoal do que é coletivo, as intenções do autor e as interpretações dos diferentes leitores daquela imagem. Para Joly:

¹ Tomamos como conceito de imaginário pessoal o fenômeno que se radica no inconsciente, fazendo com que cada um interprete a realidade a partir do seu ponto de vista, manifestado pela cosmovisão (concepção de mundo) e pela ideologia (processo radicado no imaginário, pelo qual o ser humano interpreta os papéis sociais de acordo com seu ponto de vista, focalizando os aspectos das relações humanas).

² Entendemos imaginário social como o conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura. Trata-se de uma produção coletiva, depositário da memória que a família e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano.

A mensagem está aí: devemos contemplá-la, examiná-la, compreender o que suscita em nós, compará-la com outras interpretações; o núcleo residual desse confronto poderá, então, ser considerado como uma interpretação razoável e plausível da mensagem, num momento X, em circunstâncias Y. (JOLY, 1996, p. 44-45).

Na leitura de imagens são pertinentes e comuns os seguintes procedimentos: materializar ideias representadas em imagens por meio de palavras; criar vínculos de sentido, de conteúdo, em que são representadas vozes no entrecruzamento de experiências pessoais e coletivas, calcadas, inclusive, na subjetividade; estabelecer diálogo com o autor confrontando diferentes ideias e pontos de vistas, valendo-se até ponto de vista diferente daquele que ele escolheu para interpretar a imagem, se for o caso. Essas representações de imagens são modificadas em cada momento, de acordo com o que é vivido.

Sabemos que o fracasso escolar tem sua origem em uma multiplicidade de fatores relacionados ao contexto econômico, cultural, social, pedagógico, mas pode ser gerado também pela somatização de estigmas, estereótipos e palavras pejorativas, adquiridos dentro e fora do ambiente escolar por crianças de classes populares, passando pelo imaginário social. Imagens que foram criadas e estabelecidas a respeito da carência cultural, do déficit de inteligência, da deficiência intelectual e das dificuldades de aprendizagem, ao longo de décadas, pelo processo de instalação do sistema educativo de ação obrigatória, provocam nessas crianças, por meio dos mecanismos organizativos do pensamento, uma absorção desses parâmetros como verdadeiros. Por conseguinte, imagens e vozes sobre a educação, o ensino e a aprendizagem das crianças de classes populares perpetuam, no decorrer dos tempos, via imaginário pessoal e social, o fracasso escolar.

As charges como veiculação de intertextualidade e de polifonia

O termo imagem tem diferentes significações. Pode ser um reflexo de algo ou alguém em um espelho ou na água. Pode ser a representação de algo ou alguém obtida por desenho (quer seja caricatura, charge, cartum, pintura ou qualquer outra forma icnográfica). Pode ser a representação mental de algo ou alguém. Pode ser a representação de um personagem santificado. Podem ser imagens virtuais. Todas essas imagens e muitas outras “são fundadoras de um imaginário rico e produtivo” (JOLY, 1996, p.27).

As imagens estão inseridas em uma lógica de consumo. As charges, os cartuns, as caricaturas e as ilustrações contêm, em seu teor, aspectos políticos, econômicos e culturais de um tempo e momento, que são os reflexos de uma determinada sociedade, produzidos em um período histórico. Nessas imagens podemos perceber o reflexo da realidade da qual foram originadas. Percebemos, também, que o humor produzido por elas se caracteriza pela possibilidade de subverter a ordem estabelecida e os fatos, inserindo elementos para que o leitor reflita e interprete a imagem de acordo com seu ponto de vista. Essa intertextualidade e essa polifonia abrem a possibilidade de diferentes interpretações acerca de uma mesma imagem.

A linguagem gráfica e a possibilidade da intertextualidade³ e da polifonia⁴ fazem

³ Segundo Bakhtin (1993) a intertextualidade nasce da percepção de uma disjunção entre vozes diferentes que se interenunciam, se contradizem, se homologam e se infirmam umas às outras, relativizando-se mutuamente, e quando o discurso se constrói de dois textos que apresentam uma disjunção total, com um deles revelando-se como a inversão jocosa, paródica, do outro, produz-se o que o teórico russo denomina “carnavalização”.

⁴ Entendemos o termo polifonia como foi conceituado por Bakhtin (1993) para definir os textos nos quais várias vozes estão presentes.

com que haja a inserção da imagem na camada popular. Em Araújo (2000, p.142), podemos constatar que o raciocínio empregado por sujeitos ao se defrontarem com um conflito de natureza moral pode ser comparado à perspectiva deontológica (o que deve fazer o protagonista) e a perspectiva cognitivo-afetiva (analisa os sentimentos, desejos e pensamentos do protagonista). Por conseguinte, entendemos que a força das imagens está “na pluralidade de visões que apresentam ao leitor” (ROMUALDO, 2000, p.53) e que elas podem reforçar uma história de fracasso escolar, passado por essa diversidade de interpretações.

A imagem é um meio de informação, o que justifica uma dependência entre a produção do sentido dado à imagem e a linguagem textual criada pelo leitor. Assim, em Joly (1996, p.11) temos que existe uma “complementaridade entre imagem e linguagem, (...) uma vez que a linguagem não apenas participa da construção da mensagem visual, como a substitui e até a completa em uma circularidade ao mesmo tempo reflexiva e criadora”.

A charge é um texto polifônico, pois apresenta várias vozes em sua constituição e mantém relações intertextuais com outros. Sabemos que a decodificação da charge depende dos mais variados contextos e que a sua compreensão envolve diferentes elementos como a idade, a instrução, a cultura, o tempo e a sociedade em que ela foi produzida.

A charge contém uma proposta reflexiva do panorama político, econômico, cultural e social, mas ao mesmo tempo leva o leitor a ser atingido por um humor rápido, que pode modificar sua interpretação e sua compreensão, se o leitor não tiver o entendimento necessário para perceber a forma crítica utilizada pelo produtor

da charge. Em Dolabella (2007, p. 267) temos que “a interpretação da charge ou do cartum envolve a complexidade do processo enunciativo discursivo, ou seja, as condições de produção e percepção do humor gráfico de acordo com uma determinada situação de comunicação”. Isso reafirma que o leitor precisa de uma referência socioeconômica, política e cultural para entender o teor da charge e atribuir a ela um sentido.

A referida autora afirma que:

Como traço característico, a charge tem a pretensão de influenciar a opinião dos leitores a respeito de algum ponto de vista adotado pelo veículo/empresa de comunicação onde é publicada. Isso é verificado na medida em que a charge ocupa espaços privilegiados nos jornais impressos, por exemplo, retomando alguma notícia de primeira página ou editoriais. Mas a charge não substitui o acompanhamento das notícias, porque charge não é informativa. A charge se fundamenta normalmente em uma crítica baseada em um acontecimento, ou uma série de acontecimentos, noticiado(s) pela grande imprensa, de uma determinada realidade sócio-econômica e, portanto, assume claramente uma posição política. (DOLABELLA, 2007, p. 276-268).

Além de dar destaque à principal característica da charge – influenciar a opinião dos leitores – Dolabella aponta para a polifonia e a intertextualidade desse tipo de imagem. Consequentemente, vários são os entendimentos e sentimentos que uma charge evoca. Para Eisner (2001, p. 24), “as imagens sem palavras exigem certo refinamento por parte do leitor. A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do leitor”.

A charge tem o poder de denúncia com momentos de entretenimento. Porém,

o leitor precisa estar entrosado com o cotidiano da realidade da sociedade em que vive para reconhecer o humor em meio à denúncia. Para Confortin:

A charge é essencialmente política em todos os sentidos de palavra, e obrigatoriamente, carrega grande força crítica, poder reivindicatório e contestador. A simbologia das personagens e temáticas de que o chargista se apossa indicam e apontam para um mundo vivido. Só tem sentido fazer charge de figuras públicas e que sejam reconhecidas pela grande massa da população, que é o que produz o impacto maior no humor. (CONFORTIN, 1999, p. 84).

Desse modo, a charge vai gravando no imaginário pessoal, coletivo/social imagens que anunciam e denunciam episódios fortemente marcados e reconhecidos pela população. Contribui, também, para reforçar estigmas de carência e deficiência cultural como uma marca indelével; reforçar estereótipos de dificuldades de aprendizagem, adquiridos dentro e fora da sala de aula, imprimindo uma marca inalterável nas crianças de classes populares. Essas marcas foram criadas e estabelecidas ao longo de décadas, provocando nessas crianças uma absorção desses parâmetros como verdadeiros. Elas próprias acreditam em sua “dificuldade” para aprender.

Devemos ressaltar que o fracasso escolar não é gerado só por estereótipos, estigmas e somatização, mas também por uma multiplicidade de fatores econômicos, culturais, sociais, ideológicos, pedagógicos, nos quais os aspectos citados acima estão inseridos. Para Arroyo há uma “cultura da exclusão” (1992; 2000) instituída para reforçar uma sociedade excludente e desigual.

Patto (1996) nos fala sobre os problemas de ordem social, cultural e econômica,

não esquecendo os de ordem política. Boneti (2001) confirma a construção social da desigualdade na promoção do fracasso escolar. O mesmo autor (2006) fala da noção de pobreza na definição da condição social e capacidade de acesso aos bens sociais, entre os quais incluiu a escola, o direito a aprender e a permanência na escola.

Castel (1997; 2006) aponta a desigualdade social para reforçar a exclusão social e, por consequência, o fracasso escolar. O autor fala de um processo de marginalização e precarização para a desqualificação social do indivíduo. Essa desqualificação fica exposta pelo fracasso escolar. Paugam (2006) é outro autor que trabalha com a relação da desqualificação social e sua dificuldade em relação ao acesso à escola, trabalho, entre outros.

Com base em Joly (1996), Confortin (1999), Romualdo (2000), Eisner (2001), Dolabella (2007), acreditamos que a charge tem um apelo forte e que exige uma interpretação refinada por parte do leitor. Entendemos que a charge tem uma polifonia e uma intertextualidade que evocam diversas interpretações, produzindo um impacto contestador da realidade. Acreditamos, também, que essas imagens veiculam uma representação simbólica⁵ do fato real que marca o imaginário pessoal e social, perpetuando crenças e valores nas pessoas de classes populares. Consequentemente, presumimos que essas

imagens influenciam os leitores, gerando a transferência simbólica na transposição do real, em um contexto no qual o leitor tem a capacidade de incorporar elementos ao seu processo vivido, admitindo-os como reais.

Identificando charges que perpetuam o fracasso escolar das crianças das classes populares

Sabemos que a “charge se constitui realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão” (AGOSTINHO, 1993, p.229). Outrossim, entendemos a charge como um “desenho que se refere a fatos acontecidos em que agem pessoas reais, em geral conhecidas, com o propósito de denunciar, criticar e satirizar” (CAGNIN, apud MIANI, 2005). Sabemos que o humor gráfico conquista o leitor, mas, também, imprime em seu imaginário imagens que vão somando-se a outras e, juntas, elaboram subsídios a respeito do que se passa na realidade.

Corroborando Dolabella,

acreditamos que a charge e o cartum constituem um gênero textual icônico-verbal, ou seja, usam imagem e palavras, que são interdependentes na produção de sentido. Isso quer dizer que, para interpretar uma charge, ou um cartum, o leitor precisa de ferramentas como leitura de imagens, conexão entre textos verbal e não-verbal e contextualização. Isso não significa que basta o que está grafado no papel, seja imagem seja palavra, para entender esse tipo de texto. O leitor precisa ainda da referência sócio-histórica para a constituição do sentido. (DOLABELLA, 2007, p.267).

⁵ A representação é o produto de uma prática simbólica, é uma referência do fato real, é um elemento de transformação do real, atribuindo-lhe sentido. Assim, a representação é uma tradução mental da realidade exterior transferida pelo simbolismo, que se expressa no pensamento no processo de abstração. O imaginário se reporta a uma representação do real. Para Durand (2004), o imaginário é exteriorizado por um conjunto de imagens, de representações simbólicas e de relações existentes entre as imagens que formam a essência pensante do *homo sapiens*. Desse modo, o ser humano tem a capacidade de representar a si mesmo, ao outro e ao mundo.

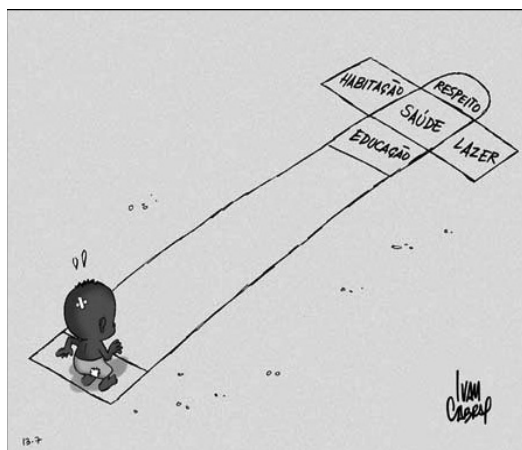
Por esse motivo, a charge é um gênero textual icônico que influencia o leitor, pois se baseia em saberes que são partilhados pela mídia e pelos sujeitos do grupo social. Para Assis:

[...] mesmo que não estejam explicitadas verbalmente, determinadas informações são inferidas com o apoio dos referentes estocados na memória dos interlocutores, desde que ativados por pistas deixadas na superfície textual. Daí se entende por que se pode afirmar que um texto diz mais do que diz, ou seja, revela mais do que nele se verbaliza. (ASSIS, 2002, p. 22-23).

Consequentemente, essas imagens evocam elementos da memória e movimentam outras imagens que se encontram no inconsciente do leitor, as quais são avivadas e constroem o significado daquela charge. Envolvem, também, as crenças e os valores estabelecidos no meio social e familiar em que são produzidas.

A charge (s/d) abaixo, de Ivan Cabral, faz crítica ao descaso do governo para com os cidadãos que não têm acesso às condições básicas de sobrevivência. Mostra, também, que crianças pobres e negras veem a educação como algo inacessível, como um caminho árduo, cheio de tropeços, para chegar àquilo de que elas tanto precisam: o respeito como cidadãos. Tal visão, atravessada pelo imaginário pessoal e coletivo, é passada a essas crianças pelas suas famílias, ao longo dos tempos.

Charge nº 1



Disponível em: <http://picasaweb.google.com/ivankabral/Leitura#5245934354026065698>

Divulgação autorizada pelo autor em comunicação via email, em 21/07/2009

Ivan Cabral retrata em outra charge (s/d) a mesma visão. Na ponta da escada tem uma criança pobre e negra vendo a escola como algo muito distante. A criança está com olhar preocupado e triste ao mesmo tempo, quando se vê fadada a uma educação distante de sua realidade, preconceituosa e seletiva. É uma barreira que provoca a exclusão, o fracasso escolar e os inúmeros estigmas e estereótipos lançados contra a criança de classes populares.

Charge nº 2



Disponível em: <http://picasaweb.google.com/ivankabral/Leitura#5245934360834443026>

Divulgação autorizada pelo autor em comunicação via email, em 21/07/2009

A charge é um elemento iconográfico que faz pensar, que leva à reflexão. Porém, que pensamento é evocado e construído com ela? Que reflexão é estabelecida, pela imagem, com o leitor? Na charge há uma troca de linguagem entre o chargista e o leitor, e existe a necessidade de comentá-la. É uma atividade discursiva e exige raciocínio para analisar o que o autor quer dizer com aquilo que mostra (expressa e implicitamente) ao leitor. Segundo Charaudeau (2006, p. 175): “O comentário [...] não se contenta em mostrar ou imaginar o que foi, o que é ou o que se produz; o comentário procura revelar o que não se vê, o que é latente [...]”. E ainda, de acordo com o mesmo autor, “o comentário [...] põe o leitor em questão – exige uma atividade intelectual, um trabalho de raciocínio, uma tomada de posição contra ou a favor, e desta atividade não há ninguém, no fim da troca, que saia incólume (o comentário é histórico).” (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

Charge nº 3



Disponível em: <http://picasaweb.google.com/ivankabral/Leitura#5245970170163412770>

Divulgação autorizada pelo autor em comunicação via email, em 21/07/2009

Esta é outra charge que demonstra o imaginário social frente às crianças de classes populares, mostradas como diferentes das outras. Por que uma das crianças mostradas na charge não tem uniforme? Por que está descalça? E, mais ainda, com fome? Esses estigmas estão no inconsciente do sujeito, perpassando contextos, espaços e a história do sistema educativo e social. Crianças pobres têm necessidades básicas a ser sanadas, antes da educação. Mas a educação não é uma necessidade? Na declaração mundial sobre educação para todos (JOMTIEN, 1990), artigo 1º, afirma-se que educar é satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. E satisfazer essas necessidades compreende leitura, escrita, expressão oral, cálculo, solução de problemas, bem como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, necessários para o ser humano sobreviver, desenvolver suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, além de participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo.

Para Joly:

Reconhecer este ou aquele motivo nem por isso significa que se esteja compreendendo a mensagem da imagem na qual o motivo pode ter uma significação bem particular, vinculada tanto a seu contexto interno quanto ao de seu surgimento, às expectativas e conhecimentos do receptor. (JOLY, 1996, p.42).

Os motivos que levam um chargista a fazer sua imagem podem ser completamente diferentes daqueles pelos quais as pessoas a interpretam. Existem várias charges sendo veiculadas na internet, e cada pessoa as interpreta de acordo com seus valores, crenças, ideologia, e imaginário pessoal. O imaginário social também contribui com essa interpretação.

Vale destacar que um bom exemplo de veiculação de imagens é o livro “Cuidado, escola!” organizado por Paulo Freire, em que as imagens explicam o conteúdo de forma prazerosa e harmoniosa, deixando transparecer a ideia que os autores querem compartilhar com os leitores. É um livro em que cada imagem gera interpretação a respeito da desigualdade e da domesticação. São utilizadas imagens simples, claras, para que qualquer leitor consiga entendê-las e chegar ao conhecimento ali veiculado.

Como Charaudeau e Joly, entendemos que a imagem evoca um comentário de acordo com as expectativas de quem a vê e, conseqüentemente, com os conhecimentos acumulados pelo leitor. Em Joly (1996, p.43), temos que “ainda hoje, reconhecer motivos nas mensagens visuais e interpretá-los são duas operações mentais complementares, mesmo que tenhamos a impressão de que são simultâneas. Por outro lado, o próprio reconhecimento do motivo exige um aprendizado”. Portanto, esse aprendizado é realizado de forma “natural” em nossa

cultura, e a própria representação figurativa da imagem tem muita importância na construção do mesmo.

A guisa de tentar concluir...

A imagem é um veículo que estabelece comunicação e identificação cultural com o leitor. Vários são os veículos que estimulam a percepção visual, cada um possui suas características com base em uma comunicação e uma linguagem própria. Percebemos a importância de discutir a influência da imagem, por meio da charge, na construção do imaginário pessoal e social, que reforça o fracasso escolar das crianças de classes populares.

Os comentários são frutos de ideias do leitor, em uma determinada realidade, em um determinado espaço/tempo histórico. As charges exploram toda a sua potencialidade crítica, humorística e toda a sua persuasão ideológica, no intuito de evocar elementos contidos na memória e no imaginário do leitor, para a interpretação e decodificação da imagem. De acordo com Andraus (2003, p.1), “as charges são objetos artístico-comunicacionais utilizados largamente pelos jornais impressos”. Ajudam a grande maioria das pessoas a ter acesso a esse tipo de informação e expressar sua opinião sobre o conteúdo veiculado, de acordo com o seu entendimento.

Ainda em Andraus temos que:

A importância da charge como veículo indispensável em conjunto ao texto da notícia já está mais que justificada e é corroborada com a necessidade humana de uma melhor utilização em conjunto de seus dois lados dos cérebros, como se aventou, pedindo então uma interação nas mensagens comunicacionais: o texto

literário informacional (lado esquerdo-racional) e a imagem expressiva, crítica, mas com o bom humor (direito-emotivo). (ANDRAUS, 2003, p.4).

Outrossim, a iconografia faz parte da vida de ser humano de forma agradável, proporcionando a absorção e propagação de conceitos adquiridos por meio da imagem. A charge é um veículo visual de fácil leitura, porém o leitor só terá o entendimento da mensagem nela contida se tiver conhecimento do assunto tratado ou se o mesmo fizer parte do seu contexto. O poder discursivo e dialógico da charge vai além do acontecimento que deu origem a ela, isso porque o chargista recorre à informação na busca da opinião do outro.

Em suma, temos um acervo de imagens, bem humoradas, com reconhecido merecimento pela criatividade e sensibilidade artística, que contribuem para a construção da cidadania mostrando satiricamente os acontecimentos da sociedade, em seus aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e históricos.

Essas imagens interpenetram o inconsciente do leitor e gravam em sua memória conceitos que estão expostos nas entrelinhas, mas que são percebidos inconscientemente, corroborando a ideia de que algumas imagens imbuem o imaginário pessoal e social, reforçando um quadro de fracasso escolar das crianças de classes populares.

Referências

- AGOSTINHO, A. T. **A charge**. São Paulo, ECA/USP, 1993. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- ANDRAUS, G. Charges.com.br, literatura imagética das notícias via internet. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26 Belo Horizonte/MG, 02 a 06/09/2003. Dissertação de Doutorado em Ciência da Informação e Documentação pela ECA-USP. São Paulo, 2003. **Anais...** Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bistream/1904/19043/1/2002>. Acesso em: 20 jul. 2009.
- ARAÚJO, V. A. A. de. Cognição, afetividade e moralidade. **Educação e Pesquisa**, v. 26, n. 2. SP, jul/dez, p.137-153, 2000.
- ARROYO, M. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. **Em Aberto**, v.11, n. 53, p. 46-53, 1992.
- _____. Fracasso-sucesso: um pesadelo que perturba nossos sonhos. **Em Aberto**. v. 17, n.71, p. 33-40, 2000.
- ASSIS, J. A. **Explicitação/implicação no e-mail e na mensagem em secretária eletrônica**: contribuições para o estudo das relações oralidade escrita. 2002. 281 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.
- BONETI, L. W. Exclusão e inclusão social: teoria e método. **Revista Contexto & educação**, v.21, n.75 p.187-206, 2006.
- _____. Ser ou estar pobre? A construção social da noção de desigualdade. **Revista Contexto & educação**, v.16, n.62, p.115-134, 2001.
- CASTEL, R. Classes sociais, desigualdades sociais, exclusão social. In: BALSAS, C.; BONETI, L. W.; SOULET, M. (Org.). **Conceitos e dimensões da pobreza e**

da exclusão social: uma abordagem transnacional. Lisboa: Unijuí; Ceos, 2006.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: Educ, 1997.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CONFORTIN, H. Leitura de humor na mídia. In: BARZOTTO, V. H.; GHILARDI, M. I. **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

DOLABELLA, A. R. V. Leitura de imagens no jornal – humor gráfico, mídia e educação. **Revista de Estudo da Comunicação**. v. 8, n.17, p.265-275, 2007.

DURAND, G. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. René Eve Levié. Coleção Enfoques: Filosofia. 3.ed. RJ: Difel, 2004.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, P. (Org.). **Cuidado, escola!** Desigualdades, domesticação e algumas saídas. São Paulo: Brasiliense, 1980.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1996.

MIANI, R. A. **O desemprego estrutural crônico:** uma leitura através das charges, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1705-1.pdf>. Acesso em: 14 maio 2009.

PATTO, M. H. **A produção do fracasso escolar:** história de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

PAUGAM, S. **A desqualificação social:** ensaio sobre a nova pobreza. Rio de Janeiro: Cortez, 2006.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística, intertextualidade e polifonia:** um estudo

das charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SANCHEZ TEIXEIRA, M. C. Entre o real e o imaginário: processos simbólicos e corporeidade. **Revista Espaço:** informativo técnico-científico do INES, n. 21, p.39-53, 2004.

Enviado em: 19/04/2010

Aceito em: 31/05/2011